

Ontem à noite disse-te que posso ir desta vida um dia destes, e tu disseste Para onde, e eu disse Para estar com Deus, e tu disseste, Porquê, e eu disse, Porque sou velho, e tu disseste, Não acho que sejas velho. E puseste a tua mão na minha e disseste, Não és muito velho, como se isso resolvesse a questão. Eu disse-te que tu podias ter uma vida muito diferente da minha e da vida que tiveste comigo e que isso seria uma coisa maravilhosa, que há muitas maneiras de viver uma vida boa. E tu disseste A Mamã já me disse isso. E depois disseste, Não te rias!, porque pensaste que eu me estava a rir de ti. Estendeste a mão e puseste os dedos nos meus lábios e deitaste-me aquele olhar que em toda a minha vida nunca vi em nenhum rosto para além do rosto da tua mãe. E uma espécie de orgulho furioso, muito apaixonado e severo. Fico sempre um pouco surpreendido ao descobrir que as minhas sobrancelhas não ficaram chamuscadas depois de ter sido alvo de um desses olhares. Vou sentir a falta deles.

Parece ridículo supor que os mortos sentem falta de alguma coisa. Se tu fores um homem adulto quando leres isto — é minha intenção que só então leias esta carta —, eu terei partido há muito tempo. Saberei a maior parte do que há para saber acerca de estar morto, mas provavelmente guardarei isso para mim mesmo. Parece que é assim que as coisas são.

Não sei quantas vezes as pessoas me perguntaram como é a morte, em alguns casos quando estavam apenas a uma hora ou duas de

o descobrirem por si próprias. Mesmo quando era muito novo, pessoas tão velhas como eu sou agora perguntavam-me, segurando-me as mãos e olhando-me nos olhos com os seus olhos leitosos, como se soubessem que eu sabia e iam fazer-me dizer-lhes. Eu costumava dizer que era como regressar ao lar. Nós não temos lar neste mundo, costumava eu dizer, e depois voltava pela estrada para este velho lugar e quando chegava a casa fazia uma cafeteira de café para mim e uma sanduíche de ovos fritos e escutava a rádio, a maior parte das vezes às escuras. Lembras-te desta casa? Acho que te deves lembrar, um pouco. Eu cresci em presbitérios. Vivi neste a maior parte da minha vida e visitei muitos outros, porque os amigos do meu pai e a maioria dos nossos parentes também viviam em presbitérios. E quando naquela altura pensava nisso, o que não era frequente, achava que este era o pior de todos, o mais ventoso e o mais monótono. Bem, era esse o meu estado de espírito naquele tempo. Esta é uma velha casa perfeitamente boa, mas naquela altura eu estava aqui sozinho. E isso fazia com que ela me parecesse estranha. Não me sentia muito em casa neste mundo, isso é verdade. Agora sinto.

E agora dizem-me que o meu coração está a falhar. O médico usou a expressão «*angina pectoris*», que tem um som teológico, como *miserericórdia*. Bem, na minha idade essas coisas são de esperar. O meu pai morreu velho, mas as irmãs dele não viveram na verdade muito tempo. Por isso posso estar grato. Lamento não ter quase nada para te deixar a ti e à tua mãe. Uns poucos livros velhos que mais ninguém havia de querer. Nunca ganhei dinheiro que se visse e nunca prestei atenção ao dinheiro que tinha. A coisa mais distante do meu pensamento era que fosse deixar mulher e um filho, acredita. Teria sido melhor pai se o soubesse. Teria guardado alguma coisa para ti.

Isto é o principal que te quero dizer, que lamento profundamente os tempos difíceis que tu e a tua mãe devem ter vivido, sem qualquer ajuda real da minha parte exceto as minhas preces, e eu estou sempre a rezar. Fi-lo enquanto vivi, e faço-o agora, também, se as coisas forem assim na próxima vida.

Consigo ouvir-te a falar com a tua mãe, tu a fazeres perguntas, ela a responder. Não são as palavras que oiço, apenas o som das vossas vozes. Tu não gostas de ir para a cama, e todas as noites ela tem de

voltar a convencer-te. Nunca a oiço cantar a não ser à noite, da sala ao lado, quando está a convencer-te a adormecer. E não consigo perceber que canção está ela a cantar. A voz dela é muito baixa. Acho o som muito bonito, mas ela ri-se quando eu digo isso.

Na verdade já não consigo distinguir aquilo que é bonito. No outro dia passei por dois rapazes novos na rua. Sei quem eles são, trabalham na garagem. Não frequentam a igreja, nenhum deles, são apenas dois jovens marotos mas decentes que têm de estar sempre a gracejar, e ali estavam eles encostados à parede da garagem ao sol, a acender os cigarros. Estão sempre tão negros de óleo e cheiram tanto a gasolina que não sei como não pegam fogo a si próprios. Estavam a trocar comentários como é costume e riam-se daquele modo malicioso que é o seu. E aquilo pareceu-me bonito. É uma coisa espantosa ver as pessoas rirem-se de um modo que parece apoderar-se delas. Por vezes lutam realmente contra isso. Vejo isso na igreja bastantes vezes. E assim interrogo-me sobre o que é isso e de onde vem, e penso o que é que isso faz desabrochar no nosso sistema, de tal modo que temos de fazê-lo até acabar, de certa maneira é como chorar, acho eu, só que o riso gasta-se muito mais facilmente.

Quando me viram aproximar é claro que os gracejos pararam, mas eu podia ver que eles ainda se estavam a rir para si próprios, pensando no que o velho sacerdote quase os tinha ouvido dizer.

Apeteceu-me dizer-lhes, Eu aprecio tanto um gracejo como qualquer outra pessoa. Houve muitas ocasiões na minha vida em que quis dizê-lo. Mas isso não é uma coisa que as pessoas estejam preparadas para aceitar. Querem que nós nos mantenhamos um pouco à parte. Apetece-me dizer, Eu sou um homem que está a morrer e não terei muitas mais ocasiões para me rir, pelo menos neste mundo. Mas acho que isso apenas as tornaria sérias e polidas. Guardarei segredo do meu estado enquanto puder. Sinto-me bastante bem para um homem que está a morrer, e isso é uma bênção. E claro que a tua mãe sabe. Ela disse que se eu me sentia bem, talvez o médico esteja enganado. Mas na minha idade há um limite para o erro dele.

Essa é a coisa mais estranha nesta vida, nisto de ser sacerdote. As pessoas mudam de conversa quando nos veem aproximar. E depois por vezes essas mesmas pessoas vêm ao nosso escritório e contam-

-nos as coisas mais extraordinárias. Há muita coisa sob a superfície da vida, toda a gente sabe isso. Muita malícia, muito pavor e muita culpa, e tanta solidão onde na verdade também não esperaríamos encontrá-la.

O pai da minha mãe era um sacerdote, e o pai do meu pai também, e antes dele o seu pai, e antes disso ninguém sabe, mas eu não hesitaria em adivinhar. Essa vida era uma segunda natureza para eles, tal como o é para mim. Eram boa gente, mas se há coisa que eu devia ter aprendido com eles e não aprendi foi a controlar o meu temperamento. Esta é uma sabedoria que eu devia ter alcançado há muito tempo. Mesmo agora, quando a aceleração do pulso me faz pensar em coisas definitivas, dou por mim a perder a calma porque uma gaveta encrava ou porque não sei onde pus os óculos. Digo-to para que possas controlar isso em ti próprio.

Um pouco de raiva a mais, demasiadas vezes ou em momentos errados, pode destruir mais do que tu possas imaginar. Acima de tudo, tem cuidado com aquilo que dizes. «Vê quanta floresta arde por um pequeno fogo, e a língua é um fogo» esta é a verdade. Quando o meu pai era já velho disse-me isto mesmo numa carta que me enviou. Que, por sinal, eu queimei. Atirei-a para o fogão. Isso surpreendeu-me bastante mais na altura do que agora em retrospectiva.

Acredito que farei aqui um exercício de sinceridade. Mas digo isto com todo o respeito. O meu pai era um homem que agia por princípio, como ele próprio dizia. Agia por fidelidade à verdade tal como ele a entendia. Mas qualquer coisa no modo como ele o fazia por vezes tornava-o dececionante, e não apenas para mim. Digo isto apesar de toda atenção que ele me deu enquanto me educava, pelo que lhe sou profundamente devedor, embora ele próprio pudesse contestar isso. Deus tenha a sua alma em descanso, tenho a certeza de que o desiludi. Esta é uma coisa notável a considerar. Tínhamos também boa vontade um em relação ao outro.

Bem, vê e vê mas não percebas, ouve e ouve mas não compreendas, como diz o Senhor. Não posso dizer que compreendo este dito, tendo-o ouvido tantas vezes, e mesmo tendo pregado sobre ele. Ele apenas afirma um facto profundamente misterioso. Podes saber uma

coisa até morreres e ser completamente ignorante acerca dela para todos os efeitos. Um homem pode conhecer o seu pai, ou o seu filho, e mesmo assim pode não haver entre eles nada além de lealdade, amor e mútua incompreensão.

O motivo por que refiro isto é apenas para dizer que as pessoas que sentem algum tipo de desapontamento quanto ao que nos diz respeito suporão que estamos zangados e verão raiva naquilo que fazemos, ainda que estejamos apenas a levar calmamente uma vida que nós próprios escolhemos. Elas fazem-nos duvidar de nós próprios, o que, segundo os casos, pode ser uma grande distração e uma perda de tempo. Isto é uma coisa que eu desejava ter compreendido muito mais cedo do que compreendi. Só refletir sobre isso faz-me ficar um pouco irritado. A irritação é uma forma de raiva, reconheço.

Uma grande vantagem de uma vocação religiosa é que ela nos ajuda a concentrar-nos. Dá-nos uma boa noção básica daquilo que se nos pede e também daquilo que podemos ignorar. Se tenho alguma sabedoria para oferecer, isto é uma boa parte dela.

Tu tens abençoado a nossa casa por menos de sete anos, anos bastante fracos, também, muito tarde na minha vida. Não havia maneira de eu poder fazer quaisquer mudanças para vos prover aos dois. Ainda assim, penso nisso e rezo. Isso ocupa grande parte da minha mente. Quero que o saibas.

Temos aí uma bela primavera e este é mais um belo dia. Tu estas quase atrasado para a escola. Pusemos-te de pé em cima de uma cadeira e comeste uma torrada com doce enquanto a tua mãe engraxava os teus sapatos e eu te penteava. Tinhas uma página de contas para fazer que devias ter feito na noite passada e levaste uma eternidade com elas esta manhã, a tentar colocar todos os números no lugar certo. És como a tua mãe, muito sério em relação a tudo. Os velhos chamam-te Diácono, mas essa seriedade não é toda do meu lado da família. Eu nunca tinha visto nada como isso antes de a conhecer a ela. Bem, não contando o meu avô. A mim isso parecia-me meio tristeza e meio fúria, e eu interrogava-me sobre o que é que na vida dela poderia ter posto aquela expressão nos seus olhos. E depois, quando tu tinhas uns três anos, apenas um menino peque-

nino, entrei uma manhã no teu quarto e ali estavas tu em pijama, sentado no chão ao sol, a tentar imaginar um modo de concertar um lápis partido. Olhaste para mim e era exatamente o olhar dela. Tenho pensado muitas vezes nesse momento. Devo dizer-te que por vezes me pareceu que estavas a olhar para trás através da vida, através de dificuldades que eu rezo para que nunca tenhas, a pedir-me para ter a bondade de me explicar.

— Tu és exatamente como todos os velhos da Bíblia — diz-me a tua mãe, e isso seria verdade se eu conseguisse viver cento e vinte anos, e ter talvez algumas cabeças de gado e bois, e criados e criadas. O meu pai deixou-me uma profissão que aconteceu ser também a minha vocação. Mas a verdade é que tudo isso era para mim uma segunda natureza, eu cresci com ela. O que muito provavelmente não acontecerá contigo.

Vi uma bolha passar flutuando diante da minha janela, inchada e vacilante, a tomar essa cor azul de libélula que as bolhas tomam mesmo antes de rebentar. Por isso olhei para o pátio e lá estavam vocês, tu e a tua mãe, a soprar bolhas de sabão para a gata, uma barragem tão grande delas que o pobre animal estava fora de si com a enorme abundância. Estava realmente a saltar no ar, a nossa despreocupada *Soapy*. Algumas bolhas elevavam-se por entre os ramos, mesmo por cima das árvores. Vocês os dois estavam demasiado concentrados na gata para verem as consequências celestiais das vossas diligências terrenas. Eram adoráveis. A tua mãe com o seu vestido azul e tu com a camisa vermelha estavam os dois ajoelhados no chão com a *Soapy* no meio e aquele fulgor de bolhas a subirem, e tanto riso. Ah, esta vida, este mundo.